

O SIMBOLISMO NOS SONHOS

ISABELLA ROSA DE OLIVEIRA¹

Em 1900, Freud publicou sua obra *Die Traumdeutung (A Interpretação dos Sonhos)*. Em seus textos, ele descreveu minuciosamente o trabalho dos sonhos, sua importância e utilização no processo analítico. Ele também afastou essa temática das crenças religiosas e culturais, as quais vinculavam o sonho a uma experiência premonitória e supersticiosa herdada da Antiguidade através do senso comum.

Até onde sabemos, todos os povos da Antiguidade atribuíam grande importância aos sonhos e pensavam que estes podiam ser usados para fins práticos. Deduziam a partir deles sinais para ler o futuro e neles procuravam os angúrios². Para os gregos e para outros povos orientais pode ter havido época em que as campanhas militares sem interpretadores de sonhos pareciam tão impossíveis, como nos dias atuais pareceria impossível uma campanha sem reconhecimento aéreo. (Freud, 1915-1916, Conferência V, p. 91).

Em *Conferências Introdutórias sobre Psicanálise*, Freud descreve os sonhos no funcionamento do aparelho psíquico e assim conceitua "*os sonhos parecem ser um estado intermediário entre o sono e a vigília*" (Freud, 1915-1916, Conferência V, p. 94).

Sonhamos quando as condições biológicas e mentais entram num estado REM, a fim de se recuperarem da carga de estímulos diários. Contudo, uma pergunta suscita a tentativa de explicar os sonhos: "*Por que a vida mental não consegue dormir?*" (Freud, 1915-1916, Conferência V, p. 95), ou seja, por que sonhamos? Talvez porque exista algo que está em atividade contínua, uma energia desligada que precisa mostrar caricaturas que evocam algo da experiência psíquica, do mundo de representações em contato com a realidade.

Percebendo a necessidade que seus pacientes tinham em contar seus sonhos, Freud procurou compreender os acontecimentos, ou melhor, as imagens relatadas na sessão analítica.

Primeiramente ele denominou de pensamento onírico o conteúdo oculto e inconsciente do sonho, aquele que, uma vez lembrado, tornado consciente, traria cenas de natureza primitiva, necessidades e desejos que conscientemente seriam condenatórios do mundo interno. Contudo, para que possamos expressar esses desejos, a censura - que mais tarde estaria ligada a instância denominada superego - "disfarçaria" os desejos alucinados,

¹ Psicopedagoga. Candidata à formação em Psicanálise. Texto apresentado na Jornada do Círculo Psicanalítico do Rio Grande do Sul em 16 de julho de 2011.

² Presságios.

expressando-os em um conteúdo aceitável e menos perturbador. Por isso, o inconsciente utiliza a condensação, o deslocamento, a simbolização e, como "retoque" final, a elaboração secundária.

Na condensação várias características e sentimentos diferentes são sintetizados em apenas uma imagem ou palavra. Outras vezes é um pensamento inconsciente que é expresso em dois ou três diferentes fragmentos do sonho. Segundo Garcia-Roza (2008), "*a condensação designa o mecanismo pelo qual o conteúdo manifesto do sonho aparece como uma versão abreviada dos pensamentos latentes*" (p. 92). Assim, também o deslocamento realiza a função de disfarçar o conteúdo latente, operando "*pela substituição de um elemento latente por outro mais remoto que funcione em relação ao primeiro como uma simples alusão*" (p. 94).

Desta forma, os desejos inconscientes tornam-se irreconhecíveis para o consciente, sendo possível, muitas vezes, lembrar o sonho ao despertar.

Para que se realizem a condensação e o deslocamento, a elaboração onírica, que transforma o sonho latente em sonho manifesto, utiliza-se da figurabilidade, isto é, de imagens e, às vezes, de palavras e de símbolos. Assim, o sonho que traduz o pensamento passa a ser uma escrita pictográfica, escrita em forma de imagens.

Segundo Garcia-Roza (2008), "*é graças à linguagem que o homem é capaz de simbolizar, entendendo-se por isto a capacidade que ele possui de estabelecer uma relação entre o real e o signo, este último entendido como um representante do real*" (p. 117). No trabalho dos sonhos, o que a censura tenta fazer é representar o conteúdo inconsciente em uma imagem ou palavra real, algo que tenha significação cultural. De modo que é preciso encontrar a relação entre símbolo e simbolizado, como define Laplanche e Pontalis (1983).

O simbolismo, segundo Laplanche e Pontalis (1983), em sentido restrito, é compreendido pela representação que se distingue pela constância da relação símbolo e simbolizado. Assim, vale também descrevermos *símbolo*, que é o responsável por fazer a passagem entre o concreto e o abstrato, ou seja, entre o objeto real conhecido e sua significação subjetiva.

O significado que cada símbolo pode ser do conhecimento de quem sonha, mas, um conhecimento inconsciente. Só se pode decifrar seu conteúdo na livre associação. "*A técnica dos símbolos suplementa a técnica associativa e produz resultados que apenas possuem utilidade quando subordinada a esta*" (Freud, 1915-1916, Conferência X, p. 153).

Na literatura se encontram exemplos de símbolos que podem ser utilizados em todos os tipos de cultura. Contudo, há a ressalva de que o significado de um símbolo dependerá sempre da associação e da cultura do paciente que o sonhou. Segundo Sharpe (1971),

a experiência psicanalítica demonstrou que as idéias que são simbolizadas referem-se aos fatores fundamentais e básicos de nossa existência real, a saber, nossos próprios corpos, a vida, a morte e a procriação. Estes fundamentos, em relação a nós próprios e à família da qual somos membros, mantêm para nós, durante toda a vida, sua importância original e a energia flui deles para todas as idéias derivadas (p. 32).

Quando o sonhador utiliza símbolos, a cada sonho haverá símbolos universais ou criará novos símbolos, *"sendo inseparáveis de seu ambiente, como por exemplo, navios para marinheiros, o arado para fazendeiros"* (Sharpe, 1971, p. 33).

Freud lista uma série de símbolos que ele considera praticamente universais, detectável em quase todas as culturas. *"A gama de coisas às quais se confere uma representação simbólica nos sonhos não é ampla: o corpo humano como um todo, os pais, os filhos, irmãos e irmãs, nascimento, morte, nudez-e algumas outras coisas mais"* (Freud, 1915-1916, Conferência X, p. 154).

Para a figura humana a representação típica é uma casa. Os pais aparecem como imperador e imperatriz, rei e rainha ou outras pessoas de status. Os filhos, irmãos e irmãs são simbolizados por bichinhos ou pequenos animais. O nascimento é quase sempre representado por algo relacionado à água. Morrer tem relação com partir, viajar de trem e a nudez, por meio de roupas e uniformes (Freud, 1915-1916, Conferência X, p. 155).

Para ele, os símbolos são de ordem sexual (Freud, 1916-1917, Conferência X, p. 155). Podemos citar alguns exemplos de objetos inseridos na cultura e de uso cotidiano, os quais Freud separou nos gêneros masculino e feminino, entre outros relacionados à mesma temática. No gênero masculino, encontramos objetos com função penetrativa, como armas de qualquer espécie (facas, punhais, sabres), mas também armas de fogo (rifles, pistolas, revólveres), objetos que expõem líquidos (torneiras, regadores, seringas, extintores de incêndio), objetos que podem ser alongados (batom), objetos alongados que são seguros pelas mãos (lápiz, caneta), máquinas (caldeiras, canos, tubos, mangueiras), objetos que elevem contra a gravidade (balões, objetos voadores), répteis e peixes, peças de vestuário (sobretudo, gravata), outras partes do corpo (mão e pé), pessoas e plantas (Grinstein, 1987, p. 81-7).

No gênero feminino, Grinstein (1987) cita que a simbolização da genitália *"pode ser dividida em símbolos que se referem à genitália externa, às partes diretamente visíveis, e*

símbolos referentes à genitália interna” (p. 87-8). Encontramos exemplos como portas e portões, vales, crateras, brejos, pântanos que representam características naturais e artificiais de uma paisagem; números e nomes; animais (caranguejos, lagostas, etc.); joias e estojo de jóias; outras partes do corpo (boca, ânus, ouvido); símbolos diversos (a ferradura, registra Freud, *"copia a configuração do orifício genital feminino"* - apud Grinstein, 1987, p. 89); objetos encerrado um espaço vazio (covas, cavidades, vasos, garrafas, caixas, baús, cofres, barcos, etc.). Contudo, Freud chama atenção para alguns símbolos familiares, mas que *"têm mais ligação com o útero do que com a genitália (externa) feminina: armários, fogões e, especialmente, quartos"* (Freud apud Grinstein, 1987, p. 90).

São inúmeros os exemplos encontrados por Freud, e outros também foram descobertos a posteriori por psicanalistas nos relatos de seus pacientes, comprovando que a modernização da cultura influenciou na criação de novos símbolos, exigindo uma escuta mais atenta e simbólica das imagens trazidas nos sonhos.

Finalizo com uma frase bastante representativa do processo analítico, mas também *dos sonhos: "Somos feitos do tecido de que são feitos os sonhos"* (Shakespeare, 1623).

REFERÊNCIAS

- FREUD, S. *Conferências introdutórias sobre psicanálise* (1915-1916), parte I e II, vol. XV. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de S. Freud. Rio de Janeiro: Imago, 2006.
- GARCIA-ROZA, L. A. *Introdução à metapsicologia freudiana. A interpretação do sonho* (1900), vol. 2. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008, 8ª edição.
- GRINSTEIN, A. *As normas de Freud para a interpretação dos sonhos*. Rio de Janeiro: Imago, 1987.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS B. *Vocabulário da psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1983, 7ª edição.
- SHAKESPEARE, W. *The Tempest* (1623) in: _____. *The works of Mr. William Shakespear*, in six volumes, vol. 1. London: Adorn'd with cuts. http://books.google.com/books/about/The_works_of_Mr_William_Shakespear.html?id=uSIgAAAAMAAJ. Acesso em jul. 2011.
- SHARPE, E. *Análise dos sonhos*. Um manual prático para psicanalistas. Rio de Janeiro: Imago, 1971.